



A contação de histórias afro e indígenas na educação infantil

Afro-Indian storytelling in early childhood education

Jéssica Souza

Resumo: Ao pensarmos a sala de aula na educação infantil, é relevante compreender que a contação de histórias podem ser um recurso didático-pedagógico, que fortalecem e estimulam habilidades cognitivas. Nota-se, entretanto, a forte presença eurocêntrica nas narrativas literárias encontradas na sala de aula reproduzindo a política de embranquecimento tão recorrente em nosso país, vale ressaltar, que a inserção na literatura desde a infância, torna-se de grande valia na formação de leitores. A pesquisa “*A Contação de histórias afro indígenas na educação infantil*” surgiu de uma demanda da sala de aula, onde em todas as obras a presença eurocêntrica foi expressiva, por essa razão, este fato é relevante de ser estudo na contemporaneidade, pois com a Lei 10.639/11.645 tornou-se obrigatório o ensino da história e da cultura afrobrasileiras e indígenas nas escolas, como forma de legitimar o reconhecimento e valorização dessas matrizes na formação do povo brasileiro. Dessa forma, é preciso inseri-las nas práticas pedagógicas e não somente em datas comemorativas, pois estas narrativas se incorporam a nossa cultura e são fontes enriquecedoras de vivências promovendo a proposta interdisciplinar e multiculturalista, possibilitando saberes imprescindíveis para as crianças ampliando o horizonte assim preparando para o exercício de cidadania ajudando na desconstrução de modelos estereotipados.

Palavras-chave: Contação de histórias. Eurocêntrico. Cultura afro e indígenas. Multiculturalismo.



Introdução

Este estudo tratará de analisar práticas educativas que abordam a história afro e indígena em espaços de educação infantil, valorizando de forma que o tema seja abordado durante todo o período letivo. Sendo assim uma forma de humanizar as relações havendo o multiculturalismo rompendo com visões eurocêntricas e inserindo o educando no mundo da leitura. Assim, o problema de pesquisa central pode ser expresso na seguinte pergunta: Por quê tratar a abordagem do negro em sala de aula somente em datas comemorativas como dia do índio ou dia da consciência negra? A realidade da discriminação racial no país faz com que muitas pessoas sejam submetidas, todos os dias, ao ódio e à intolerância. E que menos percebemos é que tipo de consequências isso pode trazer quando a vítima é uma criança, em processo de formação da própria identidade, ensinar para elas as diferentes etnias, mas que cada que entre cada uma não há diferença na infância é crucial e deve mobilizar toda a sociedade brasileira, porque ali estão sendo moldadas todas as possibilidades de identidade das pessoas.

A sociedade brasileira que em sua composição a maior parte dela é feita de diversidades, tendo em vista que o aluno é um sujeito que traz para sala de aula um vasto conhecimento prévio para alcançar o que ele ainda precisa compreender, é necessário que o professor aborde esse tema em sala de aula, promovendo a socialização entre os alunos e ajudando a entender o multiculturalismo através de práticas cotidianas, além do caráter formativo e educativo para o exercício da cidadania e da convivência com a diversidade.

A metodologia qualitativa utilizada na pesquisa de campo será baseada em Vygotsky (1996) e em Rey (1997), levando em consideração o sujeito e sua classe social, utilizando a realidade da criança como maior instrumento da pesquisa, assim fazendo com que ele se aceite do jeito que é mesmo com suas diferenças, usando a contação de histórias do livro A menina bonita do laço de fita da escritora Ana Maria Machado como mediador de aceitação enaltecendo sua cor e a valorizando.



Fundamentação teórica

Durante muito tempo, muitos negros foram levados a crer que realmente os brancos eram superiores a eles. O termo racismo refere-se à atitude de segregação entre grupos étnicos, quando um presume ser superior ao outro. A mistura de etnias é rejeitada pelos racistas. Eles acreditam que as "raças" superiores foram predestinadas a dominantes as inferiores, ao longo dos séculos, o preconceito e a segregação firmaram-se no imaginário e nas instituições e práticas da sociedade brasileira, para Santos (2005), a escola precisa se firmar como um espaço que valoriza a diversidade cultural, as trocas de experiências, o respeito mútuo e dessa forma, ajudar a promover a desconstrução de estereótipos racistas.

Nas escolas, o racismo se expressa de múltiplas formas: negação das tradições africanas e afro-brasileiras, dos nossos costumes, negação da nossa filosofia de vida, de nossa posição no mundo... da nossa humanidade.

Se desejamos uma sociedade com justiça social, é imperativo transformarmos nossas escolas em um território de equidade e respeito; um espaço adequado à formação de cidadãos. (CAVALLEIRO, 2001, p. 07)

As histórias se incorporam a nossa cultura e são fontes maravilhosas de experiências. meios preciosos de ampliar o horizonte da criança e aumentar seu conhecimento em relação ao mundo que a cerca formando em todos os aspectos, inclusive preparando-a para o exercício da cidadania. A escola precisa se firmar como um espaço que valoriza a diversidade cultural, a troca de experiências, o respeito mútuo a empatia e dessa forma, ajudar a promover a desconstrução de estereótipos racista. , a troca de experiências, o



respeito mútuo e, dessa forma, ajudar a , a escola precisa se firmar como um espaço que valoriza a diversidade cultural assim sendo uma possibilidades de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos

Os contos tradicionais vêm de muito longe, segundo Pierre Gripari (1987 apud MATOS, 2005, p. 03) São antigos mitos, de caráter religioso ou mágico, que às vezes parecem remontar à Antiguidade e de que foram reprimidos no inconsciente coletivo, pelas diferentes religiões ou ideologias que sucederam a eles. É todo um material do imaginário que foi transmitido oralmente durante os séculos.

Uma vez que a sociedade africana está fundamentalmente baseada no diálogo entre os indivíduos e na comunicação entre as comunidades ou grupos étnicos, os griots são os agentes ativos e naturais nessas conservações. Autorizados a ter duas línguas na boca, se necessário podem se desdizer sem que causem ressentimentos. Isso jamais será possível para um nobre, a que não se permitem voltar atrás com a palavra ou mudar de decisão. (HAMPÂTÉ BÂ, 2010 p.204)

Os griots têm uma grandiosa participação da sociedade africana, pois era mediador de situações que envolvem os nobres no cotidiano a quem se dedicaram e a partir disso tornaram grandes contadores de histórias e grandes viajantes da imaginação. De acordo com Hampâté Bâ (2010, p.196), alguns griots genealogistas que detinham o conhecimento das histórias familiares dos nobres recebiam tratamento diferenciado, cheios de presentes e regalias, e estes griots faziam bom uso dessas informações para benefício próprio. Contar histórias e declamar versos constituem práticas da cultura humana que antecedem o desenvolvimento da escrita, assim sendo papel dos griots nestas sociedades é a transmissão verbal de conhecimentos e experiências dos mais velhos das comunidades para os mais jovens.



Segundo Machado 2004, a tradição oral tem função importante de ajudar a criança a responder questões interiorizadas, nutrindo o encorajamento e liberdade oportunizando a estas a interação significativa com textos cuja finalidade vai além da resolução de possíveis problemas cotidianos. Não é só o vencedor que faz a história, todo povo tem sua história é preciso conhecê-la para entender o presente e pensar o futuro “(...) Portanto a arte de narrar e o dom de ouvir se entrelaçam para que a maior aventura do homem possa acontecer” (BEDRAN 2013, p. 155). Muitas crianças não têm contato com diversidade de materiais de leitura ou com adultos leitores tornando responsabilidade da escola o contato com a literatura através da contação de histórias para oportunizar a estas a interação significativa com textos cuja finalidade vai além da resolução de possíveis problemas cotidianos. O principal benefício da inclusão dos temas no currículo é o encontro das crianças com a sua própria história. Índios e negros sempre aparecem na história oficial como seres ahistóricos. É importante para as crianças relacionarem e identificarem os diferentes corpos da história brasileira, trazer para as crianças uma discussão sobre a história e cultura afro-brasileiras é fundamental para que elas percebam que não é só o vencedor que faz a história, que todo o povo tem sua história e que é preciso conhecê-la para entender o presente e pensar o futuro.

Metodologia

A definição de campo desta pesquisa se faz através de contação de histórias em brinquedotecas e em instituições de educação infantil abordando canções, histórias, lendas africanas e indígenas, proporcionando curiosidade e interesse dos educandos abrindo janelas da imaginação através da oralidade e ancestralidade. Firmando como um espaço que valoriza a diversidade cultural assim sendo uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos., É possível encontrar-se dentro de sua cultura, por isso a escola tem um papel fundamental de promover contos que mostrem a pluralidade cultural brasileira, dificilmente encontramos projetos pedagógicos dispostos a ir além da visão eurocêntrica do currículo escolar, as crianças acabam reproduzindo o que veem.



A presente pesquisa qualitativa está baseada na concepção de Vygotsky (1996), assim analisando processos e não objetos, ou seja, considerando o indivíduo como sócio-histórico levando em consideração que ele traz consigo uma bagagem de conhecimentos e condutas de saberes; desprender-se do comportamento fossilizado, em outras palavras não fazer mediações de conhecimento prévio sobre determinada comunidade ou indivíduos, sendo um pesquisador neutro respeitando as diferenças decorrentes das atividades humanas nas quais eles estão inseridos, diferenciando de explicação e descrição, sendo uma abordagem descritiva do sujeito e do ambiente onde ele está inserido. Para indagar a pesquisa será utilizado a técnica prescrita por Rey (1997), sendo construída as unidades de sentido, que possibilita a análise do conteúdo retratado pelo sujeito estudado, sendo depreciativo uma perspectiva deteriorada, ou enaltecido que é uma concepção benevolente.

Através da técnica de Unidades de Sentidos podemos analisar que quando foi perguntado aos professores por que tratar a abordagem do negro em sala de aula somente em datas comemorativas como dia do índio ou dia da consciência negra. Fazendo uma análise crítica sobre as respectivas respostas podemos notar respostas de que é necessário abordar este tema durante todo ano letivo, porém os professores não conseguem pois estão presos ao calendário de datas comemorativas.

Ao contar histórias em uma brinquedoteca localizada em universidade privada na zona oeste do Rio de Janeiro, uma das histórias abordadas era A menina bonita do laço de fita de Ana Maria Machado, essa ficção foi escrita através de uma brincadeira com a sua filha recém-nascida que tinha a pele mais clara do que a de seus outros dois irmãos. Como era uma menina sem cabelo, Ana Maria colocava lacinhos em sua cabeça para que ficasse com cara de menina e a fazia rir com um coelho branco de pelúcia que quando sua filha nasceu tinha acabado de ganhar e sempre fazia a mesma pergunta ‘‘menina bonita do laço de fita qual é o seu segredo para ser tão branquinha?’’, a partir disso seus filhos ficavam inventando possíveis respostas como ‘‘acho que ela caiu no leite e ficou branquinha’’. Ao ouvir tudo aquilo o pai da recém-nascida que é músico disse que tinham pronto uma história



que Ana precisava pôr em prática e escrever. Mas ao pensar na hipótese em escrever uma história pensou que seria muito recorrente falar sobre uma ‘branca com laços de fita’, então achou que se escrevesse sobre uma pretinha seria mais a cara do Brasil e assim fez as devidas mudanças transformando a história em uma menina negra.

Na história A menina bonita do laço de fita fala sobre, uma menina negra que tinha um vizinho coelho que o seu sonho era ter uma filha pretinha, então o vizinho por diversas vezes batia em sua porta para perguntar ‘‘menina bonita do laço de fita qual é o seu segredo pra ser tão pretinha?’’, o seu questionamento era para entender como ela conseguiu ficar pretinha e então a menina sempre contava histórias para fazer com que o coelho acreditasse até que certo dia a mãe da menina conta toda a verdade e diz que era herança de uma avó preta que ela tinha, então o coelho ao ouvir aquilo acaba acreditando e encontra uma coelha preta e casa-se com ela. A partir disso ele tem uma ninhada de filhotes de diversas cores inclusive uma coelha pretinha que por fim vira afilhada da menina do laço de fita. Ao sair na rua sempre surgia a pergunta para coelha que sempre andava com laços de fita em seu pescoço ‘‘coelha bonita do laço de fita qual é o seu segredo pra ser tão pretinha?’’ e ela sempre dizia que era conselhos da mãe de sua madrinha.

Ao contar essa história na brinquedoteca de uma universidade privada da zona oeste do Rio de Janeiro, é notório a reação das crianças ao entender que a protagonista principal era uma menina negra, suas feições a princípio sempre vinham acompanhado de risadas pois será que se um negro pudesse escolher ele escolheria ser negro? o livro aborda como uma protagonista principal uma menina negra e um coelho que almejava sua cor e por isso queria uma coelha pretinha. Crianças negras ao ouvirem essa história, além de se encontrar com a sua cor se sente feliz por alguém querer ser também assim como ele, assim fazendo que a própria criança valorize e ame sua identidade, etnia, cultura e sua cor, fazer com que a criança de aceite e se ame do jeitinho que é, quebrando padrões de histórias que predomina a política de embranquecimento

A proposta da contações de histórias trabalha nas atividades é incentivar a tornar-se



crítico, criativo, reflexivo, mais consciente e produtivo. Neste sentido, acredita-se que a literatura tem papel relevante neste aspecto, pois além de ser forma de lazer, auxilia no desenvolvimento do sujeito respeitando as especificidades e necessidades da intencionalidade que a história possui e quer transmitir para criança.

Compreender sobre novas culturas tendo em vista que ela acontece em tempo e espaço muitas vezes diversificados, torna-se um instrumental criativo de exploração a ser usado pelo portador da história para realizar a comparação com a sociedade atual e podendo dar um novo rumo ou um novo começo.

Referências bibliográficas

BEDRAN, Beatriz Martini. **A arte de cantar e contar histórias: Narrativas orais e processos criativos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Racismo e anti-racismo na educação.** 5.ed. São Paulo: Selo Negro, 2001.

SANTOS, Gislene Aparecida. **A invenção do ser negro.** 1.ed. São Paulo: Educ Fapesp, 2005.

MACHADO, Regina. **Acordais: Fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias.** São Paulo: DCL, 2004.

MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias.** 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

REY, F. G. **Epistemología cualitativa y subjetividad.** La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1997.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.



<http://www.anamariamachado.com/post/menina-bonita-do-laco-de-fita>

visto

em:

03/13/2018 as 21:37.

